

# O CONGRESSO DE MILÃO E A SUPREMACIA DO ORALISMO

Doutor Carlos Afonso  
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Um marco importante na educação de surdos e que vai modificar um percurso anterior, que relatamos na nossa última crónica, teve a ver com a realização, em 1880, do Congresso Internacional de Educadores de Surdos, em Milão. Este encontro foi, segundo Lane (1997: 110), “ardilosamente arranjado para produzir o efeito desejado” e nessa medida, proibiram os educadores Surdos de participar (embora um tenha conseguido entrar) e os congressistas foram maioritariamente italianos e franceses.

A principal resolução advinda do Congresso foi a proibição de todos os gestos, advogando que “dada a inquestionável superioridade da fala sobre o gesto para a reintegração dos Surdos na sociedade e na aprendizagem da Língua, deveria preferir-se o método oral ao dos gestos” (Moores, 1980, citado por Rondal, 1991: 405). Todos votaram a favor destas resoluções excepto os delegados americanos. Portugal foi um dos países que aceitou estas determinações.

Um dos representantes oralistas mais influente

nesse Congresso foi Alexander Graham Bell que estava envolvido com o movimento eugenista. Ele defendia, entre outras ideias, os riscos de casamentos entre Surdos congénitos, sem parentes Surdos, bem como das pessoas que ensurdecem acidentalmente e têm parentes Surdos alegando que “se estas pessoas casassem e alguns dos seus filhos casassem com Surdos congénitos, e os filhos destes fizessem o mesmo, e assim sucessivamente, a proporção de crianças Surdas nascidas de tais casamentos cresceria de geração em geração, até uma fase em que praticamente todos os seus filhos nasceriam Surdos” (Lane, 1997: 193).

Estas posições de Bell tiveram uma forte oposição em Edward Miner Gallaudet (1837-1917) que se vai declarar, com veemência, contra a tendência dominante do método oral e pela defesa da Língua Gestual (Moores e Moores, 1991). Nesse sentido, assume um papel de relevo em contraponto com as correntes dominantes que derivam do Congresso de Milão.

Na sequência dessas decisões, vamos assistir,

na maioria dos países, em grande parte do século XX, à implementação de metodologias oralistas de acordo com aquilo que Skliar (2001: 15) denomina de “ouvintismo” e que consistiria num “conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o Surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”, assumindo-se, assim, como um deficiente.

Para que isso fosse completamente conseguido, o uso de gestos no contexto reeducativo era proibido e assim, segundo Lullkin (2001, citado por Skliar, 2001), os alunos Surdos eram obrigados a sentarem-se sobre as mãos, ao mesmo tempo que se fazia desaparecer as pequenas janelas das salas de aula para impedir a comunicação visual e se despediam os professores e funcionários Surdos.

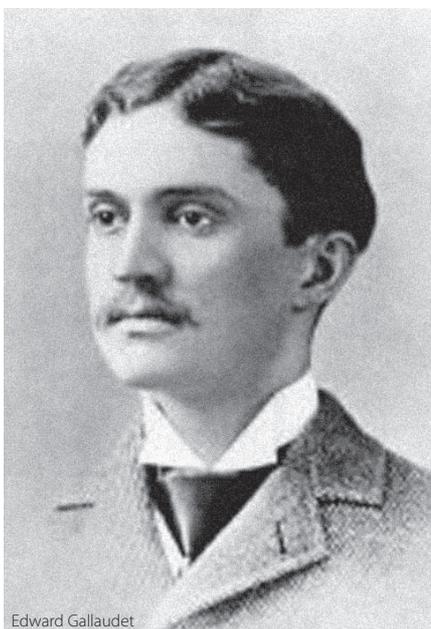
Entendia-se que conseguindo que os Surdos oralizassem se estaria a favorecer a sua integração no mundo dos ouvintes. Assim, o Surdo “oralizado” era considerado bem sucedido pois estava a transformar-se num ouvinte.

Ora, “nada disso teria importância se o oralismo funcionasse” (Sacks, 1998: 41). No entanto, o que se verificou é que, apesar de algumas tentativas bem sucedidas, o nível de literacia dos Surdos baixou consideravelmente e a aquisição da Língua oral nunca foi efectivamente feita de modo que funcionasse como uma efectiva Língua materna. No entanto, a insistência nesta opção linguístico/comunicativa, com várias variantes metodológicas, vai tornar-se dominante e praticamente exclusiva até aos anos 80 do século XX. Em Portugal, viria a ser posta em causa pelos primeiros estudos da Faculdade de Letras de Lisboa, que deram origem ao livro “Mãos que falam” (1980), mas seriam precisos ainda muitos anos até que a Constituição da República Portuguesa consagrasse a Língua Gestual como a língua da comunidade surda (1997) e que a educação a assumisse como a língua da escolarização (1998).

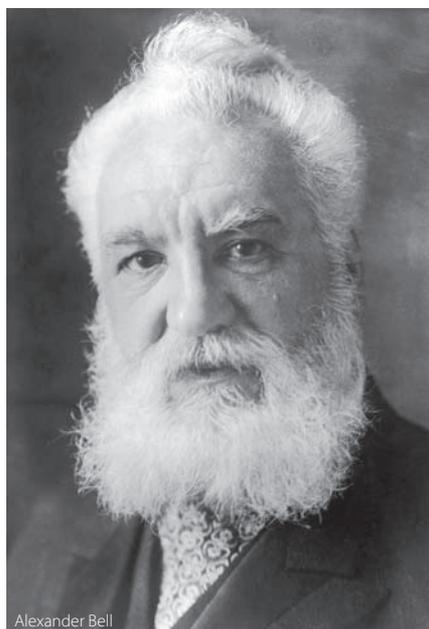
Quem diria que as resoluções daquele Congresso, em Milão, em 1880, iriam ter uma tão forte influência na educação de surdos, por mais de 100 anos!?

## Fontes e referências:

- AFONSO, Carlos (2008). *Reflexões sobre a surdez*. Porto: Gailivro
- Lane, Harlan (1997). *A máscara da benevolência. A comunidade Surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget
- Moores, Donald e Meadow-Orlands, Kathryn (ed.) (1990). *Educational and Developmental Aspects of Deafness*. Washington: Gallaudet University Press
- Rondal, Jean e Seron, Xavier (org) (1991). *Transtornos del lenguaje 2 tartamudez, sordera, retraso mental, autismo*. Barcelona: Ediciones Paidós
- SACKS, Oliver (1998). *Vendo vozes – uma viagem ao mundo dos Surdos*. São Paulo: Companhia das Letras
- SKLIAR, Carlos (org) (2001). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação ■



Edward Gallaudet



Alexander Bell